

La Costa Brama: comida ritual e a experiência afromexicana

La Costa Brama: comida ritual y la experiencia afromexicana

The Coast Roars: ritual food and the afro-mexican experience

DOI: <https://doi.org/10.70051/mangt.v5i2.67939>

Priscilla Mello | priscillaldm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8179-4572>

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.



Recebimento do artigo: 14-abril-2025

Aceite: 13-outubro-2025

MELLO, P. La Costa Brama: comida ritual e a experiência afromexicana. **Revista Mangút: Conexões Gastronômicas**. ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 71-91, out. 2025.

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo descrever etnograficamente alguns aspectos dos rituais funerários, doenças espirituais e práticas de cura presentes em comunidades afromexicanas na Costa Chica de Guerrero e Oaxaca, no Pacífico mexicano, e sua relação com a alimentação. Fruto de um trabalho de campo antropológico de longa duração entre 2022 e 2023, num primeiro momento, busca-se compreender a relação entre os elementos constitutivos da pessoa e certas enfermidades. Em seguida, será analisada a dimensão cotidiana dos rituais funerários na região, com o intuito de entender como vida e morte se entrelaçam, e constituem uma das formas pelas quais essa população tem permanecido em resistência; e como a alimentação se apresenta como uma força criadora de vínculos entre as pessoas e os seres do mundo, sendo entrelaçada a várias dimensões da vida comunitária.

Palavras-chaves: Gastronomia; Afromexicanos; Ritos funerários; Comida ritual.

ABSTRACT

This essay aims to ethnographically describe some aspects of the funerary rituals, spiritual illnesses, and healing practices present in Afro-Mexican communities on the Costa Chica of Guerrero and Oaxaca, in the Mexican Pacific, and their relationship with food. The result of long-term anthropological fieldwork between 2022 and 2023, the article initially seeks to understand the relationship between the constitutive elements of the person and certain illnesses. Next, the daily dimension of funerary rituals in the region will be analyzed, aiming to understand how life and death intertwine, constituting one of the ways in which this population has maintained resistance. It also explores how food presents itself as a force that creates bonds between people and the beings of the world, intertwined with various dimensions of community life.

Keywords: Gastronomy; Afro-Mexicans; Funeral rituals; Ritual food.

RESUMEN

Este ensayo busca describir etnográficamente algunos aspectos de los rituales funerarios, las enfermedades espirituales y las prácticas de curación presentes en las comunidades afromexicanas de la Costa Chica de Guerrero y Oaxaca, en el Pacífico mexicano, y su relación con la comida. Fruto de un largo trabajo de campo antropológico realizado entre 2022 y 2023, el artículo busca inicialmente comprender la relación entre los elementos constitutivos de la persona y ciertas enfermedades. Posteriormente, se analizará la dimensión cotidiana de los rituales funerarios en la región, buscando comprender cómo se entrelazan la vida y la muerte, constituyendo una de las formas en que esta población ha mantenido la resistencia. También explora cómo la comida se presenta como una fuerza que crea vínculos entre las personas y los seres del mundo, entrelazada con diversas dimensiones de la vida comunitaria.

Palabras claves: Gastronomía; Afromexicanos; Rituales funerarios; Comida ritual.

INTRODUÇÃO

It's always night, or we wouldn't need light.

Thelonious Monk

*Continuar vivo também é arte. Suponho que seja a arte mais sublime,
não pensa assim?*

Kiarostami

Neste ensaio gostaria de compartilhar algumas reflexões a partir da minha experiência de campo com as comunidades afromexicanas da Costa Chica de Guerrero e Oaxaca, no Pacífico, onde vivi entre outubro de 2022 e junho de 2023, fruto da minha pesquisa de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Brasil.

Vivi durante um ano no México, entre 2022 e 2023, estando de forma contínua em comunidades da Costa Chica por nove meses — tempo em que convivi cotidianamente com algumas das mulheres mencionadas neste trabalho. Priorizei as conversas informais e a convivência diária, embora também tenham sido realizadas algumas entrevistas semiabertas. A pesquisa é uma continuidade dos meus interesses em torno da resistência afrodiáspórica nas Américas e da produção de territórios existenciais negros diante das forças coloniais homogeneizadoras, que atuam de maneira singular em cada contexto.

Na costa, existem mais de 20 municípios que se autodefinem como afromexicanos — uma região compartilhada com povos indígenas como os mixtecos, amuzgos e chatinos. Alguns desses municípios são maiores, urbanos; outros são comunidades menores, rurais, de agricultores, criadores de gado, pescadores e pequenos comerciantes.

Uma dessas comunidades se chama Collantes, localizada no litoral de Oaxaca, com pouco mais de dois mil habitantes. Foi ali que vivi durante seis meses — o lugar onde passei mais tempo do meu trabalho de campo em 2023. Avaliei, naquele momento, que Collantes era o espaço mais propício para me ajudar a compreender a singularidade da resistência afromexicana na Costa Chica, por manter viva uma dinâmica comunitária, cultural, ritual, de parentesco e de organização política que me pareciam profundamente significativas.

Neste texto, num primeiro momento, gostaria de destacar alguns aspectos da vida comunitária, em particular os rituais funerários e de cura praticados pelas mulheres de Collantes e sua intensa relação com a alimentação. Em seguida, a partir dessa vivência, desejo especular sobre uma certa arte da nomeação que, creio, os afromexicanos experienciam hoje dentro do movimento político coletivo que vivem e criam cotidianamente.

Com a esperança dessa reflexão possa iluminar outras experiências no seio da afrodiáspora e de seus territórios, trata-se de tentar localizar que outras histórias se expressem de maneira singular nessa experiência (ver Goldman, 2021). Assim, este texto não pretende

elaborar conclusões definitivas, mas apenas esboçar elementos que serão aprofundados ao longo da tese¹.

OUTRAS HISTÓRIAS

Em Collantes, a maioria de seus habitantes são agricultores de cultivos como milho, mamão, pimenta, limão e manga. Alguns também cultivam o café congo, conhecido na região por ter sido trazido pelos africanos que ali chegaram. Esse café é feito com as sementes do quiabo, que são deixadas para secar na planta, depois debulhadas, torradas e moídas para produzir o chamado "café de mazorquita" — uma bebida semelhante ao café que conhecemos. Alguns agricultores também criam gado para a produção de queijos, carne e aves. Algumas dessas aves são levadas para as rinhas de galo organizadas pelos homens, em algumas noites.

Muitas mulheres trabalham vendendo alimentos e diversas comidas na comunidade, anunciadas todos os dias pelo alto-falante comunitário: os tacos dourados da tia Ana, as enchiladas verdes de María, os tamales de Giorgina. Outras pessoas praticam a pesca no Rio de Arena, cujas margens contornam Collantes; ou no mar, na praia de Puerto Minizo — lugar onde se diz que naufragou o navio no qual vieram seus antepassados. No rio, também recolhem cascalho que utilizam na construção de suas casas. A paisagem é seca, mas ainda assim verdejante, com o rio, os manguezais e o mar por perto.

Assim me contaram que nasceu Collantes. De gente fugida, vinda de diferentes lugares da região da Costa Chica. De gente que veio do mar, que é do mar. "Somos costeños", assim afirmam na Costa Chica, e falam da relação que possuem com o oceano, os rios, lagoas, manguezais e os animais que neles vivem. Gente costeira, diferente, como dizem, dos outros povos que povoam o México. "Nuestra piel es negra y nuestro pello es chino". Falam de sua ancestralidade compartilhada entre aqueles que vieram de África e com os indígenas que já estavam naquela região, dizendo que também possuem essa herança. "Aquí en esta tierra bailamos por la libertad y su alegría", assim recitam de diferentes maneiras em versos poéticos e músicas que atravessam a vida de suas comunidades e expressam em murais e pinturas.

Em Collantes, suas histórias me falavam dos barcos que naufragaram nas praias de Punta Maldonado em Guerrero, em Playa Minizo ali perto ou em outros lugares. Na costa também, tal como em certos lugares do Caribe, conta-se a história de sobreviventes de um barco naufragado que, assim, permitiu que se libertassem. Don Silvino a De La Serna (2012, p. 199), por exemplo, assim como muitos outros anciões da região, narra que seu avô chegou numa embarcação de África que colidiu com as pedras debaixo d'água em San Nicolás. Afundou, e então quem conseguiu se salvar pulou na água e se libertaram naquela terra. Como me narrou a senhora María em Collantes, sua avó lhe falava de um barco que veio da África com os seus antigos, mas o barco naufragou e eles caminharam para "el monte", para a mata, o espaço indomesticado; e passaram a viver naquela terra. A este lugar chamavam Collantillo. Diz-se de pessoas que acharam fragmentos desse barco na praia, que já desapareceram.

¹ Aqui, não realizarei uma revisão bibliográfica, pois meu objetivo é enfatizar a descrição etnográfica. No entanto, não deixo de mencionar alguns trabalhos sobre a região que podem servir de referência para o leitor interessado, tais como Aguirre Beltrán (1972, 1985, 1994), Correa e Velázquez (2005), Díaz e Velázquez (2017), Velázquez (2006, 2011), Quecha (2006, 2011, 2014, 2015, 2016, 2020), Masferrer (2014, 2016, 2017), Gabayet (2014, 2016, 2018, 2020), Huerta (2017, 2022) e Demol (2018, 2023).

A Revolução Mexicana na década de 1910 gerou algumas mudanças no território. É dito que ela ajudou a expulsar os espanhóis que ali detinham parte das terras no século XIX e operaram uma fábrica de algodão durante algum tempo — para devolvê-las aos collanteños que estavam mais próximos do centro do povoado e nela trabalhavam.

Em Collantes é viva a memória da morte de antepassados que enfrentavam o mar revolto de Playa Minizo para embarcar as cargas de algodão que seriam exportadas. Outras narrativas, contudo, principalmente daqueles cujas famílias moravam mais afastadas do centro, na mata, contam do pavor gerado pela “Revolta” que viera para perturbar seu modo de vida. Falam da violência generalizada que sofreram em decorrência da guerra, e que os levou a ter de se abrigar ainda mais adentro dos cerros. No pós-revolução, com a repartição agrária e a criação dos ejidos, territorialidade comunal aplicada igualmente a camponeses, indígenas e afrodescendentes no México, aqueles que se encontravam afastados se aproximaram cada vez mais do centro de Collantes.

Na Costa Chica, os cimarrones, como alguns se definem, constituíram comunidades que conformam uma rede territorial de diferenças e semelhanças, conectadas entre si, e criaram um território que, como escreve Beatriz Nascimento, é um espaço que não é geográfico, mas vital, pois:

os quilombos surgiram não só como resultado de uma situação negativa de fuga da escravidão, mas como uma ação positiva para recriar a ligação primordial do homem com a terra. A terra não como propriedade, mas como elemento indispensável ao conjunto da vida humana, em seu significado espiritual (Nascimento 2018, p. 209-210).

Vida possível sobre ruínas. E que ruína maior senão a própria condição humana? Se certos povos partirão desse fato para realizar um tipo de pacto com o pesar, outros buscam a dádiva da “paz da guerra quilombola”, como escreve Beatriz Nascimento; na qual “todos são todos” e “o um é o outro”. E para isso é preciso trabalho, é preciso fazer, criar, tecer os vínculos, para curá-los dessa ferida primordial².

Dona Maria um dia me diria que quando era jovem as pessoas em Collantes só viviam das coisas da terra. Contou-me: “A gente plantava, pescava, buscava a água do rio, brincava, a gente dançava, inclusive foi nessa época que começou a Dança dos Diabos”, hoje, uma das principais expressões da cultura afro da Costa Chica:

Tudo na minha cozinha eu fazia do barro que tirava da beira do rio. Agora o rio está sujo com o que o povo da cidade atira nele e temos que comprar esses galões de água todos os dias. Mas quando eu era criança, não precisávamos comprar nada. Agora, ninguém mais quer mexer no barro e compram tudo de plástico na cidade. Era muito difícil ver alguém doente. Agora as coisas são diferentes. Isso também é por causa das coisas que comemos agora, que já não são como antes, são comidas venenosas.

² Aqui, aproximo a experiência afromexicana da Costa Chica — e em especial de Collantes — da ideia de cimarronagem/quilombismo, considerando de que modo os movimentos afrodiaspóricos utilizam essa expressão para se referirem à criação de territórios existenciais de diferentes naturezas, que escapam aos limites jurídicos ou historiográficos que lhes foram atribuídos (ver Nascimento, 2020). Destaco também que, no contexto brasileiro, o direito territorial dos quilombos não se restringe aos clichês da fuga, mas abarca uma diversidade de comunidades remanescentes da escravidão. Este tema e essa aproximação serão desenvolvidos com maior profundidade em trabalhos futuros.

Figura 1. Doña Billín cura o *susto* de uma mulher no Cerro de la Esperanza. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Figura 2. Entardecer em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

AS ALMAS, OS SERES E SEUS LAÇOS

Tia Victorina Oliva, padeira, agricultora e anciã de Collantes, um dia me explicaria que nas comunidades afromexicanas da Costa Chica a pessoa é constituída por quatro partes fundamentais, entrelaçadas: o corpo; a *anima* ou alma; o *tono*, *nagual* ou animal; e a *sombra*. A *anima* seria o seu princípio vital, sua luz, que não tem forma. Poderíamos dizer, aquilo que faz determinado ser existir. Já a *sombra*, que por vezes com a *anima* se confunde e entrelaça, é descrita também como “espírito”, tem a forma da pessoa e pode desprender-se do corpo, por exemplo, no sono; é imaterial ou se diz que é feita de outro tipo de matéria. Poderíamos dizer,

é aquilo que faz determinado ser existir enquanto tal. Já o *tono* ou animal seria o duplo da pessoa que habita “el monte”, a mata, é seu protetor, com o qual compartilha um destino em comum, pois o que acontece com o animal ou a pessoa, uma doença, fome, uma emboscada, alegrias, tristezas, é sentido e vivido pelo outro, que pode ser uma onça, um crocodilo, um coiole. Se um se vai, o outro também se vai (Gabayet, 2020a, 2020b).

Em Collantes, o cuidado com os mortos tem como principal objetivo cuidar da sombra das pessoas, que se caracteriza por sua inconstância e caráter predatório após a morte. O cuidado deve se direcionar, sobretudo, às pessoas que já em vida eram conhecidas por possuir uma “sombra pesada”. Nessa comunidade, esse cuidado não se restringe ao dia de Todos os Santos, ou Dia dos Mortos, no 2 de novembro, sendo algo presente ao longo de todo o ano e compartilhado entre todas as pessoas de lá e de comunidades vizinhas que conformam uma ampla e intrincada rede de parentesco.

Assim, sempre há algum familiar, comadre, seus ascendentes ou descendentes, para o qual se está realizando algum ritual funerário. Seja o velório de dia seguinte, o levante de sombra aos 9 dias, a celebração de 60 dias, as rezas mensais até completar um ano, o grande ritual de “cabo de año”. Um conjunto de momentos que preenchem o cotidiano de comidas e encontros, músicas e festas, tristes e ao mesmo tempo alegres, que são somadas às festas do calendário católico, além dos casamentos, aniversários e batizados tão esperados.

Ao trabalho e cultivo de relações cotidianas nos rituais funerários e festejos, é somado outro, que é realizado por mulheres especialistas na arte da cura e no nascimento de novos seres. Dona Gloria, uma dessas mulheres de Morelos, uma comunidade próxima a Collantes, me contaria que começou curando suas filhas quando eram crianças após uma senhora lhe dizer que ela tinha o dom de fazê-lo. Na ocasião, Dona Gloria disse à senhora que não sabia, e não tinha ninguém para ensiná-la. A mulher lhe disse que ela iria lembrar, e dito e feito, ela conta que nos anos seguintes começou a se lembrar de rezas e cantos, remédios e técnicas. Era como se ela comesse a se lembrar de tudo que já sabia. Esse trabalho que cura algumas vezes é somado ao de rezar os velórios e procedimentos funerários consecutivos. Tarefa de mulheres que são requeridas para também acomodar os bebês nas barrigas das mães, realizar partos, recomendar algum remédio, e para curar-lhes de doenças como o *espanto* ou *susto*; *ninañi*, um tipo de vergonha excessiva; *empacho*, algo como uma grave azia; *mal aire*, ou *mala vibra*, uma energia ruim; *coraje*, a raiva desmedida que é contagiosa e afeta as crianças; *mal de ojo*, o olho grande, como conhecemos; doenças que conjugam aspectos que leem como físicos, emocionais e espirituais a uma só vez. (Demol, 2023).

O *susto*, a mais comum das enfermidades, pode ser provocada por coisas distintas, mas principalmente por eventos traumáticos ou maus encontros com pessoas, animais, espíritos ou outras forças da natureza, como o mar. Segundo me explicavam, após um evento como esses, a pessoa fica com algo, um medo, uma fraqueza, uma dor, um inchaço ou tristeza passa a acompanhá-la, estado que aquelas que curam podem ver através dos olhos da paciente. Porém uma das explicações que são dadas para esse estado de adoecimento não é exatamente a soma de algo à pessoa, mas, justamente, sua separação, nesse caso, de sua sombra.

Como escreve Aguirre Beltrán (1972), a sombra se caracteriza por seu “aliento vagabundo”. Quando a pessoa sonha, a sombra caminha por lugares os mais diversos e, como não tem obstáculos, pode violar as leis do tempo e do espaço. Nessas andanças, quando a sombra anda em seus passeios, é suscetível de sofrer o ataque de um inimigo, vivo ou morto, e então se encontra incapacitada de regressar. O mesmo pode acontecer quando se desperta

alguém inesperadamente: a sombra, impossibilitada de retornar prontamente ao corpo, se extravia. Em tais casos, o corpo, sem a sombra, se enferma. Nas comunidades da costa chamam essa enfermidade de “espanto de sueño” e, uma vez que o diagnóstico é confirmado, procuram as especialistas em trazer a sombra de volta.

Não é indispensável que a sombra se encontre fora do corpo para que se extravie, basta simplesmente uma forte impressão, sensação de pavor ou medo profundo, para que a sombra abandone o corpo. Esse modo de extravio é um dos mais frequentes e a cura, portanto, diz respeito a chamá-la de volta. Como dizem, a pessoa sem sombra é, sobretudo, um ente sem nome, por que o nome se encontra localizado na sombra. Assim, os diversos procedimentos empregados para capturar a sombra nunca deixam de mencionar o nome da pessoa.

Um dos modos de curar alguém com susto ou espanto trata de passar na pessoa enferma um ovo cru, previamente mergulhado em uma loção perfumada de ervas—manjeriço, alecrim e outras; espirrar-lhe aguardente pela boca da especialista, que lhe desenha cruzes com giz nas mãos e pés; queimar resina de copal e cantar e repetir uma reza curta a Nossa Senhora e a seu filho, na qual se pede, roga, invoca e exige que a pessoa doente não tenha medo, que tenha coragem, que venha: “no seas covarde, no tengas miedo, vente, vente pacá.”. Chamam seu nome e, assim, o susto desaparece da pessoa.

RITUAIS FUNERÁRIOS

Figura 3. Tia Victorina Oliva e suas filhas, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Figura 4. Trabalho no forno, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Tia Victoria é procurada por muitas pessoas para dar-lhes alento ou um conselho e, por vezes, disponibiliza sua casa para a realização de *cabos de año*, principal ritual que deve ser realizado após o decurso de um ano do falecimento de uma pessoa. Pude acompanhar os preparativos de um desses rituais, realizado a uma mulher de 45 anos, falecida prematuramente por problemas de coração.

Os preparativos se iniciaram um mês antes da data final. Nesse mês, há todo um processo de preparação, das pessoas e da casa que receberá o cabo de año. Durante todos os dias daquele mês, um grupo de mulheres da comunidade passa a se reunir, durante uma hora pela tarde, na casa anfitriã, onde será realizado o ritual — nessa ocasião, na casa de Tia Victorina e suas filhas Carmen e Isabel. As mulheres se reuniam em sua sala sob a orientação de uma rezadeira que puxava as rezas e cantos que eram repetidos em coro pelas outras mulheres. Ao longo desse mês um elaborado altar para a pessoa vai sendo construído aos poucos, com flores, velas, imagens de santos e fotografias. Todos os dias são oferecidos pão e café para as mulheres visitantes.

O ritual tem seu ápice na última semana e, sobretudo nos últimos três dias, quando a casa anfitriã passa a estar cheia a todo o momento. No primeiro desses dias, pela manhã, as mulheres se dividiram pelas tarefas na cozinha, para fazer os pães, preparar o milho para as *tortillas*, o café, águas saborizadas, e o *pozole*, um caldo de milho branco servido com carne de porco, cebola e cheiro verde, o principal prato que será oferecido à noite.

Outro prato importante que será servido durante esses dias é a *barbacoa*, um preparo de carne bovina em um caldo vermelho intenso e apimentado feito com especiarias como cravo e pimenta do reino. Para prepará-la, o costume aconselha que as famílias que possuem condições para isso ofereçam um boi para a comunidade. O boi deve ser morto e limpo pelos homens, e estes mesmos, coletivamente, devem preparar a *barbacoa*, em grandes panelas no fogo à lenha, o que ocorreu corretamente naquela ocasião. O preparo da *barbacoa* pelos homens não ocorre apenas nos cabos de año, mas é um costume presente também em outras festividades e encontros.

Figura 5. Chegada da carne, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Figura 6. Preparação da carne, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

No primeiro dia, às pessoas que estavam organizando o evento foram servidos os miúdos do boi em um caldo mais simples, enquanto o restante da carne era preparado pelos homens. Uma vez pronta a *barbacoa*, as mulheres se organizam em um grande mutirão para preparar conjuntos de *tortillas* com a carne temperada em pequenos baldes, cubetas que são entregues à fila de famílias já em espera. Dezenas de cubetas são preparadas e separadas para serem entregues pelas crianças em diversas casas da comunidade. Na ocasião, era Carmen que coordenava em seu caderno quem faltava receber o presente.

Em outros dias que eu passava para visitar Mama Victo e nos sentávamos para conversar em sua varanda, de vez em quando chegavam crianças que lhe pediam a benção e lhe entregavam cubetas com *barbacoa* e outros alimentos, de outras festividades. Na costa, os

Figura 7. Panela com chile, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Figura 8. Preparação, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

mais jovens pedem a benção aos mais velhos dizendo-lhes “santito tía” encostando o dorso da mão direita na testa da senhora, ou senhor, que responderá, “dios te bendiga”. Algumas vezes as crianças lhe avisavam e convidavam ao respectivo *cabo de año*, ou apenas lhe entregavam o presente. O convite também era anunciado no alto-falante comunitário.

No *cabo de año*, o conjunto mais importante de todos foi o preparado para ser entregue à madrinha de batismo da moça falecida, pessoa extremamente importante nesse momento, muito mais que sua própria mãe carnal ou mesmo qualquer sacerdote, uma vez que é a madrinha a responsável pelo cuidado da alma da criança, por toda a vida. Além de *tortillas*, *barbacoa*, *pozolles*, pães, café, roupas, também lhe são levadas garrafas de cerveja e aguardente e um grande peru vivo enrolado em papel colorido.

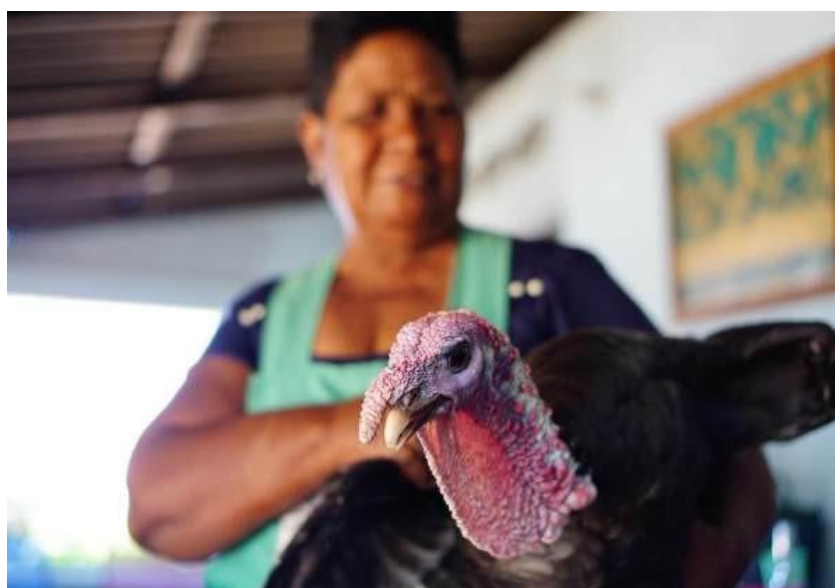
Um grupo de mulheres se destacou e caminhou até a casa da madrinha, lhe entregaram os presentes, tomaram juntas as cervejas e conversaram longamente sobre a vida da moça que partira e todos os vínculos que cada uma possuía com ela: prima, sobrinha, cunhada, afilhada. Depois retornaram à casa anfitriã e terminaram os demais preparativos para a noite junto às outras mulheres. Quando o sol se pôs, uma banda de instrumentos de sopro começou a tocar enquanto se iniciaram as rezas à moça que durariam a noite toda, pelo bem de sua alma, até de manhã. Ainda que muita comida tenha sido distribuída, as panelas ainda permaneciam cheias, e as pessoas seguiam comendo, conversando, tomando cerveja. Com o aprofundar da noite, os homens e as crianças foram se recolhendo, e as mulheres seguiram cantando para a jovem, que estava presente, e com a qual a rezadeira e Tia Victo conversavam. Diziam-lhe que se acalmasse, que tudo ficaria bem, e para que ela se alegrasse, pois a festa era para ela.

Figura 9. Mulheres levam presentes à madrinha, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Figura 10. Presente de peru vivo, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

No dia seguinte pela manhã, foram ao cemitério devolver a cruz da moça que havia sido retirada no início dos rituais e agora era devolvida ao seu lugar de descanso. Enfim, era finalizado o ciclo ritualístico que garantiria o bom descanso ao seu espírito, seu apaziguamento e garantia de que agora, assim como todos, estaria em paz.

AS ARTES DA NOMEAÇÃO

Tia Victorina me recebeu durante muitas tardes, como as que passamos desgranando a colheita de seu milho, que lá é a base da alimentação de virtualmente todas as pessoas, não só desta região. Em um desses dias conversamos sobre as rezas e os pedidos que são feitos durante a plantação do milho para que este possa crescer com força suficiente e proporcionar a alimentação das famílias que o semeiam. Ao longo da conversa, Mama Victo me afirmou uma frase que me deixou pensativa. “Minha filha”, um dia ela me disse:

Tudo tem seu nome no mundo, o problema é que a gente se esquece do nome das coisas, mas quando eu era criança eu me sentava ao lado das mulheres maiores, e ouvia suas conversas, suas histórias, elas sim sabiam o nome das coisas, elas sabiam o nome da terra e sabiam que a terra aceita tudo e nos dá, como mãe que é, tudo que tem, nos dá o nosso alimento. Mas ela também come junto com a gente, pois ela dá, mas precisa receber. O problema é que muita gente já não faz isso e, por isso, tudo está do jeito que está. Filha, nós precisamos comer junto com a terra. Nunca se esqueça disso.

Figura 11. Pessoas reunidas, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Figura 12. Distribuindo a comida, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Seu conhecimento fala sobre muitas coisas, mas para além do respeito à terra e às práticas de relação com ela e os seres que a habitam, me vi pensando sobre o que ela diz sobre o nome das coisas, que tudo tem seu nome e sobre o esquecimento desses nomes. Afinal, o que isso significa? O que significa o ato de nomear? Existiriam nomes verdadeiros? Mas qual é a natureza deles? São nomes originários? Mais antigos? Qual a sua relação com o tempo? Como eles são criados? Eles sempre existiram? E também, que relação possuem com a cura, como no ato curativo do *susto*, que se chama o nome da pessoa para que sua sombra retorne, trazendo saúde.

Talvez pudéssemos dizer que o povo afromexicano passa por um processo desse tipo, de nomeação. Do ponto de vista do Estado, os povos afrodescendentes no México passaram por um longo período de desaparecimento. Mas desde a década de 1980 é crescente a sua luta por direitos, organização política, e a ação de afirmarem-se, nomearem-se enquanto um povo, em um contexto que durante muito tempo, e ainda hoje, insiste em apontar a sua assimilação e desaparecimento. Todavia, os afromexicanos, suas comunidades, coletivos e movimentos — no último Censo mais de dois milhões e meio de pessoas— seguem afirmando que não são como os outros e não desejam ser como os outros. Que são diferentes, e precisam nomear-se de modo diferente, para que possam respirar melhor, para que as coisas façam mais sentido, para que se sintam mais fortes, mais vivos. Curiosamente, no país abundam o desdém de outros, acusando seus disparates, lidos, enfim, sob o signo da falta.

Afirma o mestre Antônio Bispo dos Santos (2018):

O colonialismo nomina todas as pessoas que quer dominar. Às vezes fazemos a mesma coisa sem perceber: quando temos um cachorro, por exemplo, damos a ele um nome, mas não um sobrenome. Os colonialistas dão um nome, mas não dão um sobrenome porque o sobrenome é o que expressa o poder. O nome coisifica, o sobrenome empodera. Então, ao nos chamar de posseiros, nos colocaram em uma situação de dominação, obrigando- nos a cumprir os contratos que a nomeação de posseiros nos impunha.

Creio que o *sobrenome* é, sobretudo, um marcador de pertencimento e o *poder* diz respeito a uma força, uma dignidade, para escapar aos processos de coisificação que nos fazem perder o espírito e adoecer.

A filósofa Stengers (2015) diz que nomear é tudo, uma vez que cada nome pode nos levar a caminhos diversos de percepção, mas também a formas de compor e habitar o(s) mundo(s). Com isso, no “Capítulo 4” de “No tempo das Catástrofes”, a autora nomeia seu gesto ensaístico como a necessidade de “nomear o problema”, e a questão da “nomeação do problema” diz respeito também a nomear os causadores da destruição. Escreve que nomear não significa postular uma verdade, mas atribuir àquilo que se nomeia o poder de nos fazer sentir e pensar no que o nome suscita (Stengers, 2015, p. 37, p. 139). Assim, a autora nos lembra do ato de nomear como algo que possibilita uma percepção, como algo que cria algo no mundo, que tem efeitos no mundo. Desse ponto de vista, nomear tem a ver com uma certa eficácia.

Como se sabe, um dos principais momentos rituais no candomblé é quando o iniciado, o iaô, renascido, dá seu nome publicamente. Em algumas *águas*³ esse nome é secreto e é apenas revelado nesse breve momento. Nas águas jeje-nagô, o Orixá dirá seu Oruncó para todos ouvirem, nesse caso é escolhida uma pessoa presente — normalmente uma iyalorixá de outra casa — para tomar o nome do Orixá. São feitas algumas cerimônias nas quais a pessoa pergunta por três vezes o nome e na terceira o Orixá grita em voz alta seu Oruncó para todos ouvirem. Um dos momentos mais esperados da iniciação, é um ritual de grande tensão e expectativa, no qual pode ser afirmado — ou negado — que tudo foi bem feito; em caso positivo, ouve-se um grito triunfal do seu Oruncó, e todos — que têm este caminho e habilidade — entram em transe. Pois uma nova percepção, aliada da vida daquela comunidade, nasceu no mundo, fez-se presente no mundo, trouxe saúde, disse seu nome.

Figura 13. Preparando tortillas, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

³ Diz-se das mesmas águas um conjunto de terreiros que compartilham vínculos e tradições, ou são da mesma “linhagem”, herdeiros de uma mesma casa mãe.

Figura 14. Pozole servido, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

NOTAS PARA UM RETORNO

Nessa breve narrativa etnográfica, busquei me aproximar da singularidade e da força afromexicana na Costa Chica, sobretudo de suas mulheres, que sustentam a vida e o cosmos em rituais de despedida e renascimento, nos quais os alimentos e a festa são uma parte fundamental.

Nestes rituais o fluxo de troca dos alimentos produz um mundo distinto, onde nada está separado do meio, das pessoas, animais, espíritos, cujas relações é preciso constantemente modular, curar, nutrir e cultivar para que esteja saudável. Vê-se que tais relações não são dadas, mas precisam ser tecidas todos os dias, sobretudo com mãos de mulheres.

De fato, o alimento faz comunidade, relações, parentesco, e assim, é um dos elementos por meio do qual também essas comunidades se afirmam enquanto afromexicanas. Isso não significa, contudo, que sejam os únicos povos que praticam essa forma de relação com os alimentos, mas tão somente que ela, para eles, tem valor, é preciosa, deve ser cuidada, faz parte do modo de ser afromexicano, modo de ser vivido, cultivado, nomeado.

No livro “O Labirinto da Solidão”, de Octavio Paz (1950, p. 13), o escritor mexicano fala sobre a resistência mexicana ao imperialismo que os assola e tenta eliminar há muito tempo. Nele fala sobre uma amiga que caminha pelo jardim do país estrangeiro e lhe diz:

Sim, isso é muito bonito, mas não consigo entender completamente. Aqui até os pássaros falam inglês. Como você quer que eu goste das flores se não sei o nome verdadeiro delas (...) um nome que já se fundiu com as cores e as pétalas, um nome que já é a própria coisa? Se digo buganvílias, você pensa naquelas que viu em sua cidade, subindo em um freixo, em habitações litúrgicas, ou em uma parede, numa certa tarde, sob uma luz prateada. E as buganvílias fazem parte do seu ser, fazem parte da sua cultura, são *aquilo que você lembra depois de ter esquecido*. Isso é muito bonito, mas não é meu, porque o que a ameixeira e o eucalipto dizem, *não dizem para mim, nem a mim dizem nada*. (Paz, 1950, p. 13)

É como escreve Antonio Machado, trazido por Paz (1950) em sua epígrafe:

O outro não existe: esta é a fé racional, a incurável crença da razão humana. Identidade = realidade, como se, afinal de contas, tudo tivesse de ser, absoluta e necessariamente, um e o mesmo. Mas o outro não se deixa eliminar; subsiste, persiste; é o osso duro de roer onde a razão perde os dentes. Abel Martín, com fé poética, não menos humana que a fé racional, acreditava no outro, na "essencial Heterogeneidade do ser", como se disséssemos na incurável outridade que o um padece.

"La costa brama por el porvenir", escreve Aleida Violeta, uma ativista e poeta afromexicana da costa. Nesses povos, algo ocorre no porvir. É como se perguntassem, como realizaremos isto que somos? – e, também, como nomearemos isto que somos para que se crie, para que se avive no mundo certa percepção, em meio à *guerra das denominações*, para falar como Bispo dos Santos? Escreve Paz (1950, p. 7) que não tem importância se as respostas que eles dão às suas perguntas forem logo corrigidas pelo tempo.

Os povos não acabam de ser, muito menos de desaparecer. Pois, ainda que tenham esquecido o nome, as palavras que os ligam a todas as forças em que se manifesta a vida, dela não se esquece. Procura-a sob todos os céus e entre todos os seres. E sonha que um dia vai encontrá-la de novo, não sabe onde, talvez entre os seus.

Assim escreve Aleida Violeta Vazquez Cisneros:

Hoy es el día mundial de la cultura africana y afrodescendiente

Y es necesario decir que la cultura africana y afrodescendiente es mucho más que folclor, mucho más que ese imaginario con aire de extranjerismo que mucho se percibe en México.

La cultura africana y afrodescendiente es ancestralidad, es presencia de siglos en este país, es conocimiento milenario de amor por la tierra, es río desbordante y montaña que grita que ¡estamos aquí!

Es memoria encarnada de fuerza ancestral, de cuentos de las abuelas bajo la sombra de árboles prehistóricos con hilos de eternidad. Es canto y arrullo de luna en la travesía infernal transatlántica; y es rebeldía latente y constantemente hambrienta de dignidad.

Es la voz desnuda y potente de los siglos inacabados; el grito insultante que persigue justicia ante oídos indolentes. Es la herida ancestral que nos hermana de hielo a hielo y de mar a mar.

Es también los retazos de vida y colores que echaron raíces en suelo nuevo; es lengua perdida, escondida aún en resquicios profundos de memoria colectiva. Es un fandango al cielo en la boca de tía Paula y una falda ondeando al ritmo de una chilena en Pinotepa Nacional; unos taquitos de tripa con una agua de jamaica en la Ciudad de México, un mondongo degustado en Veracruz, llamado menudo, también en Guanajuato.

Es el son de la negra recitado en la inconsciencia en todo México; un pescado a la talla en Acapulco y los sones de artesa acompañados de versos en Cuajinicuilapa y en San Nicolás.

Es el canto ancestral de mujeres mascogas en Coahuila y el orgullo de los mareños y mareñas de Acapetahua en Chiapas.

Son las décimas del sotavento y la marimba sonando en los parques de Jalisco; es el caldo con machuco de Copala y la memoria olvidada de la Saucedá de mulatos de Zacatecas. Es la voz amurallada en las Haciendas de Morelos y en el fuerte de San Juan

de Ulúa. Es la fuerza y la bravura de Vicente Guerrero y José María Morelos y millares luchando para construir nación.

Pero es también la voz vigente de miles que seguimos resistiendo y construyendo desde las entrañas del pueblo. Y s , cultura africana y afrodescendiente es también la voz grande y la palabra certera de mi abuela negra.

Que possamos perceber a delicada arte de fazer a vida forte, viva, de onde brota o sentido, a arte e a comunidade, de diferentes formas, singelas, pequeninas e grandiosas, que nos sustenta e faz persistir, contra todas as probabilidades.

Figura 15. Madrugada, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

Figura 16. Altar, *cabo de año* em Collantes. Oaxaca, 2023.



Fonte: A autora

REFERÊNCIAS

AGUIRRE BELTRÁN, Gonzalo. **La población negra de México**. México: Fondo de Cultura Económica, 1972.

AGUIRRE BELTRÁN, Gonzalo. **Cuijla: esbozo etnográfico de un pueblo negro**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

AGUIRRE BELTRÁN, Gonzalo. **El negro esclavo en la Nueva España**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da Terra. **Revista Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018.

CORREA, Eugenia; VELÁZQUEZ, María Elisa. **Poblaciones y culturas de origen africano en México**. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2005.

DE LA SERNA HERRERA, José María; ESPINOSA CORTÉS, Laura M. **Raíces y actualidad de la afrodescendencia en Guerrero y Oaxaca**. México: Instituto Nacional de Ciencias Médicas; Universidad Nacional Autónoma de México, 2012.

DEMOL, Claire. **Protección y cura: medicina tradicional en pueblos negros de la Costa Chica de Oaxaca**. México: Universidad Nacional Autónoma de México; Programa Universitario de Estudios de la Diversidad Cultural y la Interculturalidad; Comisión Nacional de los Derechos Humanos, 2018.

DEMOL, Claire. **Rituales de protección y cura: horizontes corporales y nociones de persona entre los pueblos negros-afromexicanos de la Costa Chica y de la Cañada**, Oaxaca [tese de doutorado]. Cidade do México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2023.

DÍAZ CASAS, María del Carmen; VELÁZQUEZ, María Elisa. Estudios afromexicanos: una revisión historiográfica y antropológica. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 27, p. 221-248, 2017.

DÍAZ PÉREZ, María del Carmen. **Queridato, matrifocalidad y crianza entre los afromestizos de la Costa Chica**. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2003.

GABAYET, Natalia. Hipótesis sobre el nahualismo entre los morenos de la Costa Chica de Guerrero y Oaxaca. **Dimensión Antropológica**, México, v. 16, n. 47, p. 125-140, 2014.

GABAYET, Natalia. Diablos afromestizos: aproximaciones al ritual de los muertos, Costa Chica de Guerrero y Oaxaca. In: RUBIO JIMENEZ, M. A.; NEURATH, J. (org.). **Tiempo, transgresión y ruptura: el carnaval indígena**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2017. p. 226-241.

GABAYET, Natalia. **Vaqueros, diablos y nahuales: memoria ritual y concepto de persona entre los pueblos negros de la Costa Chica de Guerrero y Oaxaca** [tese de doutorado]. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2019.

GABAYET, Natalia. **El tigre escondido: memoria ritual de los pueblos negros de la Costa Chica**. Madrid: Editorial Turner, 2020a.

GABAYET, Natalia. El ritual sutil de conversión: nahualismo de los pueblos negros de la Costa Chica de Oaxaca y Guerrero. **Iberoforum: Revista de Ciencias Sociales**, v. 15, n. 29, p. 109-134, 2020b.

GABAYET, Natalia; ZIGA, Francisco. Los tejorones negros en el carnaval ñuu savi: la danza como ejercicio cosmopolítico. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, e2023020, 2023. Disponível em: <https://n9.cl/8ux3th>.

GOLDMAN, Marcio. Posfácio: recontando outras histórias. In: **Outras histórias: ensaios sobre a composição de mundos na América e na África**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.

HUERTA, Iván Arturo. **Tiempo de diablos: usos del pasado y de la cultura en el proceso de construcción étnica de los pueblos negros-afromexicanos** [tese de doutorado]. Cidade do México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2017.

HUERTA, Iván Arturo. Afroméxico: narraciones sobre esclavitud y mestizaje entre activistas negros-afromexicanos de la Costa Chica, Oaxaca. **Revista Interethnica**, v. 3, n. 1, p. 218-243, 2022.

MASFERRER, Clara. **Aquí antes se llamaba Poza Verde: conocimientos de niños de la Costa Chica sobre su pueblo y lo negro** [tese de mestrado]. Cidade do México: CIESAS, 2014.

MASFERRER, Clara. Muchitos, melarchía y respeto: niñez, enfermedad y relaciones intergeneracionales en un pueblo afro-mexicano de la Costa Chica de Oaxaca. **Anales de Antropología**, v. 50, n. 2, p. 216-231, 2016.

MASFERRER, Clara. El racismo y la representación social de lo negro entre niños de pueblos afro-mexicanos. **Revista Antropologías del Sur**, v. 4, n. 8, p. 169-189, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Volta à Terra da Memória. In: Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. [S.l.]: Filhos da África, 2018.

PAZ, Octavio. **El labirinto de la soledad**. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España, 1950.

QUECHA, Cristina. **Los matrimonios y la construcción de fronteras identitarias: el caso de Collantes** [tese de mestrado]. Cidade do México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2006.

QUECHA, Cristina. **Cuando los padres se van: infancia y migración en la Costa Chica de Oaxaca** [tese de doutorado]. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2011.

QUECHA, Cristina. Experiencia de conversión religiosa entre los afrodescendientes de la Costa Chica de Oaxaca: el caso de los migrantes de retorno. **Dimensión Antropológica**, v. 21, n. 62, p. 57-86, 2014.

QUECHA, Cristina. Migración femenina e incidencias en la crianza: el caso de una población afrodescendiente en México. **Alteridades**, v. 25, n. 49, p. 93-108, 2015.

QUECHA, Cristina. El juego de pelota mixteca entre los afrodescendientes de la Costa Chica: relaciones interétnicas a través del juego. **Anales de Antropología**, v. 50, p. 199-215, 2016.

QUECHA, Cristina. Experiencias intergeneracionales sobre el racismo: un estudio entre afro-mexicanos de la Costa Chica de Guerrero y Oaxaca. **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, v. 35, n. 59, p. 35-59, 2020.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VELÁZQUEZ GUTIÉRREZ, María Elisa. **Mujeres de origen africano en la capital novohispana: siglos XVI y XVII.** México: Instituto Nacional de Antropología en Historia; Programa Universitario de Estudios de Género de la Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

VELÁZQUEZ GUTIÉRREZ, María Elisa. Africanos y afrodescendientes en México: premisas que obstaculizan entender su pasado y presente. **Cuicuilco**, v. 18, p. 11-22, 2011.